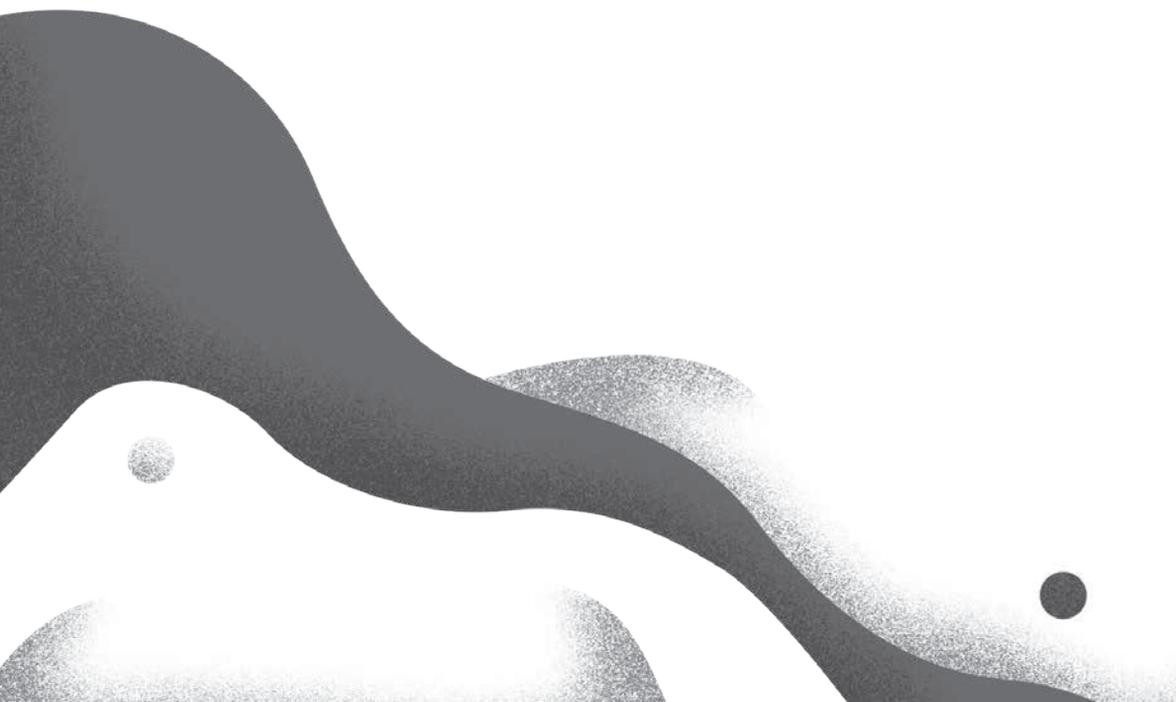


TORDESILHAS

A MEMÓRIA DOS CORPOS

MARINA
DI GUARDO

A memória dos corpos



Marina Di Guardo

A memória dos corpos

Tradução: Michaela Pivetti

TORDESILHAS

a Sergio Altieri, mestre, amigo, irmão. Você tinha razão:
o verdadeiro apocalipse está dentro de nós.

“Parece um absurdo, e no entanto é absolutamente verdadeiro que, sendo toda a realidade um nada, não há coisa mais real ou substancial no mundo que as ilusões.”

Giacomo Leopardi, *Zibaldone dei pensieri*

Prólogo

Faltavam dez minutos para a chegada do ônibus. A garota acelerou o passo; não queria perdê-lo por nada neste mundo: aquela parada na estrada provincial lhe provocava arrepios. No inverno, quando começava a escurecer, não era nem um pouco agradável ficar sentada no frio, na umidade da planície, enquanto os carros corriam a uma distância tão próxima.

Naquela tarde, além dela, havia mais um passageiro. Em pé, apoiado no poste da parada, um homem esperava o mesmo ônibus. Estava de costas e não se virou nem mesmo quando ela chegou.

A garota sentou-se debaixo do toldo, tirou o celular da bolsa e torceu para que o coletivo chegasse logo. Aquele sujeito de roupas escuras a inquietava. Não conseguia sequer ver seu rosto.

— Desculpe, pode me dar uma informação?

Uma jovem de gorro de lã e óculos escuros, dirigindo um carro preto, havia encostado perto do ponto. Ela sorriu.

A garota se aproximou. Não conhecia muito bem a região, mas queria ser gentil.

— Preciso ir a Parma, estou indo na direção certa?

— Acredito que sim. É fácil, basta continuar sempre reto.

— Você também vai para a cidade? Posso lhe dar uma carona, assim não errarei o caminho.

A garota olhou para dentro do veículo: não havia mais ninguém além da jovem motorista. Fazia frio, e a ideia de seguir viagem em um

automóvel confortável e bem aquecido, em vez de esperar debaixo do toldo com aquele homem inquietante ao lado, a convenceu.

Entrou no carro superequipado e logo percebeu um leve perfume de rosas e o som de música lírica ao fundo.

— Você viaja sempre de ônibus? — perguntou a jovem, dando partida.

— Sim, para ir ao trabalho. Ainda não tirei a carteira de motorista. Mais cedo ou mais tarde vou precisar resolver isso.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

Já estavam de saída quando a moça se deu conta de que alguém tinha aberto a porta de trás.

— Também vou aproveitar a carona — disse uma voz masculina.

Era o homem que estava na parada do ônibus. Pelo canto do olho, a garota percebeu que ele se ajeitava no banco de trás. Virou-se para a jovem motorista ao seu lado e, inexplicavelmente, ela não esboçava reação alguma.

Sentindo alguma coisa pressionar seu rosto, a garota tentou reagir.

Em poucos segundos, perdeu os sentidos.

— Foi mamão com açúcar — comentou o homem, apoiando a cabeça dela no assento.

— Não passou nenhum carro quando me aproximei, e nesta região não há câmeras, então foi melhor do que isso...

— Vamos para casa agora. Temos muito que fazer.

Na estrada, viram passar o ônibus no horário previsto. Mas eles tinham sido mais rápidos.

1

Uma apenas. Maldita carta. Apertou-a entre as mãos sem conseguir fingir decepção. Agarrou a taça de vinho tinto e bebeu até o último gole. Pegou outra carta do baralho sobre a mesa e olhou para ela. Essa também não servia.

A pressa de sempre. Agora não vou conseguir concluir.

Ottavio o observava, passando o palito mascado de um lado para o outro da boca. Enquanto isso, Tinu e Tugnot estavam concentrados cada um nas cartas abertas em forma de leque em suas mãos, trocando de sequência obsessivamente.

Ottavio está muito calmo. Com certeza está blefando.

Estava prestes a praguejar por ter pescado a enésima dama de copas quando sua atenção e a de seus parceiros de jogo foi subitamente atraída por uma figura feminina que acabava de aparecer no café. Apenas por alguns segundos. A jovem loira envolta em um sobretudo de cetim impermeável preto pediu uma informação ao atendente do bar e saiu logo em seguida sem consumir nada.

— Mais uma rodada de vinho, rapazes? — perguntou o taberneiro aos quatro jogadores, aproximando-se da mesa.

— O que a loira queria? — indagou Tinu, piscando o olho.

— Queria saber como chegar à cidade. Quando a vi entrar, assim tão refinada, pensei que fosse uma amiga do nosso advogado aqui, mas me enganei.

— Uma pena...

No povoado aonde ia jogar baralho todas as noites de sexta, ninguém o chamava pelo nome, Giorgio Saveri.

Para todos ele era o “doutor”. Se tivesse filhos, eles também seriam “os filhos do advogado”, tinha certeza.

— Rapazes, lamento, mas bati!

Com um sorriso sacana no rosto, Ottavio tinha baixado duas trincas e uma sequência. Giorgio não conseguiu refrear um ímpeto de raiva. Atirou a única carta que lhe sobrara nas mãos na mesa de nogueira e levantou-se bruscamente depois de arremessar uma nota de cinquenta euros na direção do adversário.

— Você não me convence — disse entre dentes, mas com um sorriso nos lábios.

Em seguida, saiu do bar, abriu a porta do Porsche 911, ligou o carro e partiu cantando pneu.

Giorgio odiava perder em qualquer circunstância, inclusive no jogo de cartas. Pior ainda contra aqueles caipiras.

Tinha ido ao povoado, como todas as sextas, para relaxar. No entanto, voltava para casa tomado por uma raiva hostil. De vez em quando prometia a si mesmo afastar-se daquele único compromisso semanal com a chamada civilização, mas acabava desistindo toda tarde de sexta-feira. Gostava de entrar naquele bar de interior, beber algumas taças de vinho de baixa qualidade e ouvir as mesmas fofocas sem sentido dos pequenos povoados. Era como se pudesse, mesmo que por pouco tempo, participar daquele dia a dia simples que nunca pudera almejar. Sentar-se à mesa com os companheiros habituais de jogo o descontraía, ouvindo suas considerações elementares, observando as rugas de seus rostos e adivinhando suas preocupações, chateações e vícios, tão diferentes do mundo dele e, ao mesmo tempo, terrivelmente ingênuos.

Tenho certeza de que Ottavio trapaceia. Preciso descobrir como...

Na escuridão negra de uma noite sem lua e sem estrelas, avistou um carro parado na beira da estrada – um automóvel como muitos outros. Pela porta aberta, viu a linha bem definida de um tornozelo feminino equilibrando-se sobre um salto doze. Reduziu, surpreendido por aquela aparição incomum para uma remota

estrada de campo. Encostou o carro, desceu e aproximou-se cauteloso da proprietária daquele espetacular par de pernas. De perto, reconheceu-a logo: era a mulher que entrara no bar havia pouco. Loira, os cachos macios do cabelo emoldurando o rosto oval, olhos espantados como os de uma menina surpreendida ao assaltar um pote de balas. Segurava na mão um celular sobre o qual dedos longos digitavam freneticamente.

— Boa noite. Não tenho intenção alguma de ser inoportuno, mas queria ter certeza de que não precisa de ajuda.

Ela arregalou ainda mais os olhos, respirando fundo, e abriu um sorriso, revelando dentes de uma brancura imaculada.

— Meu carro parou — disse ela — e, como se não bastasse, meu celular não pega. Existe alguma pousada nas redondezas?

— Há uma a cerca de dez quilômetros daqui. Quer que eu tente dar uma olhada no seu carro?

— Seria um favor...

Giorgio abriu o capô e mexeu por alguns minutos no motor, com o auxílio da lanterna do celular. Depois soltou o cabo e voltou a fechar o capô com um golpe seco.

— Parece que está tudo no lugar, mas não sou especialista. Melhor chamar um mecânico amanhã de manhã.

— E agora, o que eu faço? — Uma ruga franziu a testa da mulher.

— Posso acompanhá-la à pousada mais próxima, aquela de que lhe falei, a dez quilômetros daqui. Espero que ainda esteja aberta, a proprietária é idosa e vai dormir cedo. Leva só dez minutos para chegar, posso lhe dar uma carona, com prazer.

Ela permaneceu calada, indecisa sobre o que fazer. Deu uma olhada rápida, como se quisesse entender melhor quem era o homem que estava à sua frente. Giorgio parecia ter em torno de quarenta anos, cabelos grisalhos, traços comuns. Um homem como muitos. Apenas duas particularidades destacavam um rosto que de outro modo seria anônimo: uma covinha no queixo, sulcada a ponto de parecer uma cicatriz, e os olhos pretos, intensos e grandes.

Ele a fitou com impaciência, como se tivesse pressa de ir embora.

— A essa hora certamente não vai encontrar táxi por aqui, mas faça como achar melhor.

— Está bem, aceito a carona. Só espero não ser incômodo demais.

— Incômodo algum, a pousada não fica longe.

Entraram no carro. A mulher sentou-se e ficou olhando para fora através da janela, como se quisesse manter uma certa distância entre eles. Giorgio não pôde deixar de dar uma rápida olhada para as pernas dela. Ela havia puxado para baixo a barra da saia, mas a linha bonita dos tornozelos, as panturrilhas finas e bem delineadas e a pele de seda eram um chamariz sedutor demais para ser ignorado. Giorgio voltou a se fixar no caminho à sua frente, obrigando-se a desviar o olhar.

A mulher o observou de soslaio e resolveu quebrar o silêncio:

— Estava começando a me preocupar. Não passava ninguém por aquela estrada. Um péssimo lugar para ficar com um carro enguiçado.

Giorgio a observou brevemente: tinha um ar perdido, indeciso. Sorriu para ela tentando tranquilizá-la.

— Por sorte eu passei, então. Tomara que Rita, a proprietária da hospedaria, ainda esteja acordada. Como lhe disse, ela é idosa e também um pouco surda. Quando vai dormir, não acorda nem ao som de canhões.

A moça se virou para ele, preocupada.

— Por acaso é a única pousada da região?

— Não há outra num raio de quarenta quilômetros. Já é meia-noite, e mesmo em Bobbio será difícil encontrar uma pousada aberta.

Ela levantou os olhos para o céu em uma espécie de súplica.

Cinco minutos depois, estavam em frente à hospedaria de Rita. As janelas estavam fechadas, as luzes inteiramente apagadas. Giorgio saiu do carro e tocou o interfone. Nenhuma resposta. Tentou novamente, sem sucesso.

Nesse meio tempo, a mulher tinha saído do automóvel.

— E agora, para onde eu vou? — perguntou com ar consternado.

— Poderíamos tentar em Bobbio, mas duvido que encontremos algo aberto.

— Estou vindo de um jantar na casa de uns amigos, poderia voltar para lá. Infelizmente fica a meia hora de Bobbio, nem sei dizer quantas curvas para chegar até a casa. Talvez possa ligar para eles...

— Como preferir. De qualquer maneira, eu moro aqui perto, tenho uma casa grande e posso hospedá-la sem problemas. Amanhã posso chamar meu mecânico de confiança e pedir que dê uma olhada no seu carro. Resolva como achar melhor.

A moça não respondeu logo. Jogou para trás uma mecha de cabelos que cobria boa parte do rosto e, com um suspiro, disse:

— Está bem.

Um grande portão de ferro forjado se abriu para uma alameda ladrihada com pedregulho cinza.

Uma mansão branca do século XIX despontou da densa vegetação do jardim. A fachada era em estilo neoclássico. Quatro colunas contornavam a entrada, atrás das quais se erguiam duas escadarias gêmeas perfeitamente simétricas – uma arquitetura suntuosa, mas ao mesmo tempo delicada.

A mulher, que havia saído do carro com Giorgio, olhou impressionada a residência antiga.

— Você mora aqui? — Sem pensar, se referia a ele como “você” sem rodeios.

— Sim... Passei toda a minha infância e adolescência nesta casa, depois me mudei para Milão na época da faculdade, casei e fiquei por lá. Quando minha mulher foi embora, voltei para a minha antiga casa. A mesma velha história de muitos divorciados.

— Lamento.

Em silêncio, subiram a escadaria da esquerda. Atrás da porta de nogueira e batente duplo, um salão com afrescos no teto. Uma enorme lareira de mármore branco de Carrara ocupava a parte central do local. Pinturas antigas, a maioria do século XVI, criavam uma atmosfera sombria, quase claustrofóbica.

A moça circulou pela grande sala com passo hesitante, como se tivesse sido tomada por um temor reverencial diante daquela confusão de preciosos móveis antigos e arte figurativa. Parou diante de um quadro, o mais explícito e sangrento de todos. Ele representava o martírio de São Sebastião.

— Posso fazer um comentário?

Giorgio acenou com a cabeça observando pelo canto do olho a expressão maravilhada da mulher – desde que se lembrava, era essa mesma expressão que notava no rosto de cada pessoa que entrava pela primeira vez naquele salão, que parecia um museu.

— Aqui há uma incrível concentração de quadros com as mesmas temáticas: mártires, sofrimento, sangue... Longe de mim discutir a qualidade das obras, mas vê-las todas juntas me transmite um sentimento de angústia. Eu talvez as alternasse com algumas naturezas-mortas e paisagens, ou talvez algumas Madonas tranquilas com o menino.

— Foi meu pai que escolheu essas obras. Eu só mantive a ordem que, com o tempo, ele deu a este lugar.

— Se eu fosse você, aliviaria um pouco o ambiente.

— Ei, você acabou de chegar e já está falando em mudar a decoração? — disse Giorgio, rindo.

— Eu jamais ousaria — rebateu ela um pouco sem graça.

— Deixa pra lá, estou brincando. Na verdade gosto desses quadros. Sabe de quem é aquele *São Sebastião*? A autoria foi atribuída a Procaccini. Nada mal, não é?

— Pode até ser de Procaccini, mas para mim é inquietante.

— Era justamente o que meu pai queria. Ele sempre dizia que o sofrimento não deve ser escondido, mas exibido, por fazer parte do destino do homem. Sim, ele dizia exatamente isto: o destino do homem.

— Devia ser uma pessoa fora do comum...

— Não pode imaginar quanto.

A moça desviou a atenção dos quadros, interrompendo os comentários. A entoação levemente amarga da voz dele a fez hesitar, talvez preocupada por ter tocado em um assunto delicado.

— Me desculpe por ser tão direta, é uma característica que carrego comigo desde menina.

— Ora, não seja tão severa consigo mesma. Isso não é necessariamente um defeito.

Giorgio fitou-a com os olhos intensos, penetrantes. Assim que percebeu, ela baixou os dela, como se não tivesse condições de

sustentar a profundidade daquele olhar. Esboçou um sorriso, certamente um de seus trunfos.

— A propósito, ainda não me apresentei: sou Giulia Bruschi.

— Prazer, Giorgio Saveri.

Apertaram-se as mãos. Ela tirou o sobretudo de cetim impermeável preto e a echarpe de seda com estampa de caxemira e sentou-se em um divã revestido de brocado cor de vinho.

— Por que está tão elegante, foi a uma festa? — quis saber Giorgio.

— Fui jantar com os amigos de que lhe falei. Eles têm um sítio depois de Bobbio, e para chegar lá tive que enfrentar um número incrível de curvas. Eles me convidaram para passar a noite lá, teria sido melhor.

— Mas desse jeito não teríamos nos conhecido.

Giulia sorriu novamente, fechando um pouco os olhos. Giorgio tentou imaginá-la criança, com aquele olhar cheio de expectativas e de inquietude.

Obrigou-se a desviar o olhar das pernas cruzadas da moça. Já havia reparado nelas antes. Giulia tinha tornozelos finos, tão finos que davam a impressão de que poderiam partir-se de uma hora para outra. Subira as escadas da entrada com um passo ondulante, hipnótico.

Olhou seus pulsos livres de pulseiras, miúdos como os tornozelos.
Perfeitos.

Engoliu em seco. Levando uma mão às têmporas, virou as costas.

— Imagino que você esteja cansada. Pensei em lhe oferecer um dos quartos de hóspedes. Venha comigo.

Ela assentiu. Pegou a bolsa, o sobretudo e o acompanhou pela escada até o andar superior.

Percorreram um longo corredor. O quarto de Giulia era o mais afastado – um local amplo, com afrescos no teto e uma série de pinturas nas paredes, dessa vez de pinceladas miúdas.

— Não me diga que são autênticos... Flamengos, não é?

— São da escola de Hieronymus Bosch, muito parecidos com o tríptico de *O Jardim das delícias terrenas*, exposto no Museu do Prado.

— Quantos detalhes... — disse Giulia, aproximando-se dos quadros. — Todos esses corpos nus, essas cenas aterrorizantes... Quem é esse ser estranho com cabeça de pássaro? Está devorando um homem.

— Aquele é o príncipe do inferno. Cada uma dessas figuras tem um significado preciso. Toda a obra de Bosch tinha fortes conotações simbólicas. Ele era um visionário.

Ela balançou a cabeça. Ia dizer algo, mas mordeu o lábio.

— A que horas deseja que a acorde amanhã de manhã?

— Quando for mais conveniente para você. Vai precisar ir ao trabalho, imagino.

— Sou aposentado, posso dispor do tempo do jeito que desejar.

— Aposentado? Mas você é jovem demais!

— Tomei minhas decisões.

Giorgio virou-se em direção à porta. Um silêncio constrangedor pairou entre eles. Ela esfregou os olhos, apoiou a bolsa na mesinha de cabeceira e sentou-se na cama. Permaneceu imóvel por alguns minutos, esperando um movimento, uma palavra. Mas ele nada acrescentou.

— Boa noite — Foi a única coisa que disse antes de atravessar a porta.

Saiu do quarto às pressas, com as costas levemente curvadas. Queria afastar-se dela, daquela presença, daquela intimidade que começava a despontar, mas não conseguiu resistir à tentação derradeira de se virar para trás.

— Boa noite — respondeu Giulia baixinho.

Ela se levantou da cama e foi até a porta, deixando-a ligeiramente aberta enquanto lançava para Giorgio um olhar lânguido, acolhedor.

Ele esteve a ponto de voltar, mas não o fez. Limitou-se a descer com pressa os primeiros degraus em direção ao salão.

Estava prestes a chegar ao térreo quando retornou em silêncio, subindo de volta a escada, indeciso sobre o que fazer. Aproximou-se devagar da brecha da porta semicerrada e permaneceu na penumbra, sem ser visto pela jovem.

Giulia havia tirado o vestido de veludo e os sapatos. Agora estava apenas de sutiã e calcinha de renda preta. Tinha um corpo escultural,

perfeito. Estava em frente ao espelho Luís XV diante da cama. A luz do abajur projetava uma sombra estranha em seu rosto. Observou-a tocar a face e os olhos com um gesto rápido, quase alarmado. Mais uma vez a imaginou criança, amedrontada pelo escuro e pela solidão.

Sem saber que estava sendo observada, Giulia aproximou-se da pequena bolsa que deixara sobre a mesa de cabeceira, tirou um frasco de vidro do bolso interno, abriu a tampa, retirou um comprimido e jogou-o goela abaixo sem uma gota d'água. Em seguida, levantou as cobertas adamascadas, deslizou entre os lençóis de linho e se cobriu toda, até a testa.

Giorgio ficou observando em silêncio, escondido pela penumbra e pela pesada porta de nogueira, até o momento em que ela adormeceu, finalmente refém do seu sono induzido.

Copyright © 2020 Tordesilhas Livros
Copyright © 2019 Mondadori Libri S.p.A., Milano. By arrangement with
Otago Literary Agency and Villas-Boas & Moss Agência Literária

Título original: *La memoria dei corpi*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora. O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e lugares citados são invenções do autor, e têm por objetivo conferir veracidade à narrativa. Qualquer analogia com fatos, lugares e pessoas, vivas ou mortas, é absolutamente casual.

CAPA Amanda Cestaro

PROJETO GRÁFICO Cesar Godoy

REVISÃO DA TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO Fátima Couto

REVISÃO Franciane Batagin | Estúdio FBatagin, Mariana Rimoli

1ª edição, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guardo, Marina Di

A memória dos corpos / Marina Di Guardo ; tradução Michaela Pivetti. --

1. ed. -- São Paulo : Tordesilhas Livros, 2020.

Título original: *La memoria dei corpi*

ISBN 978-65-5568-003-4

1. Ficção de suspense 2. Ficção italiana I. Pivetti, Michaela. II. Título.

20-38037

CDD-853

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

2020

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br

blog.tordesilhaslivros.com.br



/tordesilhas



/tordesilhaslivros



/etordesilhas

Giorgio Saveri não tem nem quarenta anos, mas acumulou decepções suficientes para se aposentar e viver na mansão da família, uma luxuosa e antiga casa nas colinas de Piacenza, cheia de obras de arte. Seu único contato com o mundo exterior é através de Agnese, a governanta, que o criou no lugar de sua mãe – uma mulher fria que morreu, muitos anos antes, em um acidente de carro –, e seu pai autoritário, que nunca perdeu uma oportunidade de diminuí-lo publicamente até o dia em que cometeu suicídio.

Tudo muda na noite em que Giorgio se depara com a fascinante Giulia, que tem o dom de entendê-lo como nenhuma outra pessoa. Misteriosa, ela pouco fala sobre si mesma e o arrasta para um relacionamento ambíguo e altamente erótico. Quando Agnese desaparece, Giorgio começa uma investigação e logo o círculo em torno das mentiras de Giulia se aperta. Mas ela não é a única a esconder segredos.

Em *A memória dos corpos*, Marina Di Guardo nos conduz em uma viagem pelos lugares escuros que existem em cada um de nós.

TORDESILHAS

